

# HOJE ELAS DANÇAM COM FOGO

*Ana Clarice Farias Carvalho*



**A** Igreja Católica, na Idade Média, não deixava as pessoas terem liberdade de viver, principalmente as mulheres. Elas eram muito injustiçadas por coisas simples do dia-a-dia. O preconceito era muito forte.

Mulheres ruivas eram queimadas na fogueira em praça pública. Mulheres que tinham conhecimento sobre

ervas e que usavam seus conhecimentos para curar diversas enfermidades eram queimadas na fogueira. Mulheres que tinham um gato preto ou falavam sozinha eram queimadas na fogueira em praça pública. Mães solteiras eram queimadas nas fogueiras. Prostitutas eram queimadas na fogueira. Mulheres consideradas diferentes eram queimadas na fogueira.

Porque, segundo os sistemas religiosos, elas eram “bruxas” que tinham um pacto com o diabo e deviam ser eliminadas da sociedade. As mulheres não podiam fazer nada que não fosse do seu papel de doméstica. Se ousassem pensar, já eram queimadas na fogueira ou torturadas em um equipamento - prévia e maleficamente preparado - até morrer. A Igreja falava que bruxas vieram do inferno para fazer o mal. Mas o que é o inferno comparado à Igreja na Idade Média?



***Segundo a igreja elas eram “bruxas” que tinham um pacto com o diabo e deviam ser eliminadas da sociedade. As mulheres não podiam fazer nada que não fosse do seu papel de doméstica. Se ousassem pensar, já eram queimadas na fogueira ou torturadas em um equipamento - prévia e maleficamente preparado - até morrer. A igreja falava que bruxas vieram do inferno para fazer o mal. Mas o que é o inferno comparado à igreja na idade média?***



Sabrina era uma mulher de 20 anos de idade e muito inteligente. Tinha muitos conhecimentos sobre diversos assuntos e sabia falar muito propriamente

para debater com as pessoas. Argumentava muito bem e não se intimidava com autoridades políticas, militares ou religiosas e suas supostas ameaças ou censuras. Morava com sua tia por parte de mãe. Seu pai havia morrido e sua mãe a abandonara quando era ainda um indefeso bebê.

Sabrina nunca soube o real motivo de sua mãe tê-la abandonado no passado e nunca teve muito interesse em saber sobre o que havia acontecido. Bastava-lhe o presente. Contava consigo mesma e isso parecia bastar.

Sabrina e sua tia moravam em uma vila, junto a outras poucas famílias católicas. Não raro, sua tia se incomodava com as conversações ou debates em que Sabrina tomava parte na praça ou em qualquer roda de amigos. É que o jeito resolvido, desinibido, independente da moça não era bem visto por ninguém.

Na verdade, Sabrina era um grande incômodo para sua tia. Embora tenha cuidado de Sabrina quando criança, esse cuidado nunca foi afetuoso. Depois da morte do pai e da fuga da mãe, ela - a tia - teve dó de a abandonar também. Por isso resolveu assumir e cuidar de Sabrina. Mas dó e amor são sentimentos bem diferentes e Sabrina sempre percebeu essa diferença...

Para piorar a situação, sobretudo numa sociedade machista, Sabrina era uma mulher bonita. Tinha cabelo curto e à semelhança de platinado. Algumas sardas davam-lhe um ar pueril; seus olhos eram verdes, grandes, atentos, questionadores e toda sua figura chamava

muito à atenção todos daquela vila. Especialmente os homens a olhavam sem pudor.



***Na verdade, Sabrina era um grande incômodo para a tia. Embora tenha cuidado de Sabrina quando criança, esse cuidado nunca foi afetivo. Depois da morte do pai e da fuga da mãe, ela teve dó de abandonar também. Por isso resolveu assumir e cuidar de Sabrina. Mas dó e amor são sentimentos bem diferentes...***



Mulheres casadas sentiam-se inseguras por seus maridos olharem tanto para ela. Por seu lado, Sabrina passava por muitos incômodos quando andava pelas ruas. Os homens assobiavam e diziam porções daqueles comentários deseducados, maliciosos, machistas, preconceituosos...

As mulheres da vila se incomodaram tanto com Sabrina que começaram a dizer que ela era uma bruxa; que enfeitiçava homens; que possuía-lhes a alma, o coração, o corpo e muitas outras coisas. Mal-amadas, invejosas, elas não tinham pejo de criar ou repassar boatos viperinos de toda sorte. Espalhavam essas maledicências amiúde e para toda a vila até que, certo dia, os maldosos boatos chegaram aos ouvidos de sua tia.

Foi a vizinha da frente, mulher de meia idade, já grisalha, um tanto

castigada pelos próprios sofrimentos, viúva, do tipo beata a rezar o terço na janela para dar conta da vida alheia, que se encarregou de levar os boatos até a tia de Sabrina, colocando, claro, sua dose de fel.

- Sabrina, minha sobrinha? Bruxa? - Perguntou, surpresa, a tia.

- Sim, querida! Todos estão comentando pela vila que ela é uma bruxa que enfeitiça os homens; que aprisiona suas almas e enfeitiça seus corações, fazendo com que estes homens deixem de desejar suas esposas e passem a querê-la, a desejá-la a todo custo. Estão chamando esta epidemia de “o mal de Sabrina”.

- Aliás, por que Sabrina não tem um esposo? - Disse a vizinha.

- Minha sobrinha é estranha mesmo. - Concordou a tia, já cismada e entusiasmada com a fofoca. Só não estava sabendo disso, destes boatos, destes feitiços...

De alma e comportamento voláteis, a tia de Sabrina começou a acreditar na vizinhança; tomou a sério os maldizeres sobre ela ser bruxa. Nos dias seguintes, pôs-se a observá-la melhor. A moça mesmo não havia mudado seus hábitos, mas uma certa boataria, por infundada que seja, sempre muda a rotina, entretém e é bem-vinda na alma soberba. Foi assim que a tia deu como certa a bruxaria da menina.

Juntando os boatos que ouvira às inconfessáveis intenções que possuía, sua tia resolveu falar ao padre sobre sua sobrinha. Disse ao vigário que desconfiava de que Sabrina fosse realmente uma bruxa, afinal, o cabelo curto, tingido de branco

não eram coisas de mulher direita. A ela Sabrina parecia mais um colono albino sem escravos e sem serventia...

O padre - alma vil - glutão que “cuidava” de umas quatro ou cinco mocinhas de 11 anos, “ministrando os sagrados ensinamentos na própria carne”, disse que iria se aconselhar com seus superiores, investigar e, em caso positivo, veriam que se podia fazer.

As palavras do padre, estranhamente, animaram a tia de Sabrina. Por sua boca, muitas outras mulheres da vila juntaram-se à rede de boatos. Estes cresceram, engrossaram, tomaram substância, vulto; em pouco tempo chegaram de onde saíram.

Nas visitas cordiais, nas missas domingueiras, nos bancos da praça, nos encontros para o café da tarde das mulheres beatas da vila não se falava noutra coisa. Aos poucos a mentira vestiu-se de verdade: Sabrina era uma bruxa perigosíssima, a ameaçar seriamente o casamento das famílias de bem.

E desta verdade conveniente para a ideia de uma procissão sagrada para expulsar o diabo do corpo de Sabrina não correu uma semana.

Queriam cortar o mal pela raiz. A moça seria posta à prova. A procissão iria até a casa dela. Todas as mulheres de bem, juntas, iriam pressioná-la! Desdizia-se, reparava suas atitudes, mudava suas roupas, escondia suas formas, tornava-se sem-graça; negava-se a si mesma; virava beata como as outras ou zás! Fogueira! A ideia animou

as mais molengas. Em poucas semanas, organizou-se o movimento.

Chegou o dia da procissão. Apetrechados com velas, cruzes e demais utensílios, munidos dos “bons costumes, revestidos das boas intenções”, guarnecidos das ordens divinatórias, foram até a casa onde Sabrina e sua tia moravam.

Queriam que Sabrina confessasse que havia feito um pacto com seres das profundezas infernais; que maleficamente seduzia os homens; que desejava destruir todas as famílias daquela pequena vila. E que daquele momento em diante ela teria uma chance! Que renegasse o diabo; que morresse para o antes de renascesse para o futuro beato. Estavam, as beatas, ali para alçá-la a uma vida de mulher casada e cristã. Mas Sabrina deveria daquele dia em diante mudar todos os seus atos!

Ela não desdenhou, embora soubesse fazê-lo. Mas disse que não fizera nada, que aquilo era uma grande tolice e que não lhe cabia retratação alguma. Que elas deveriam voltar às suas casas e cuidar de seus afazeres...

Ninguém acreditou. Ao contrário, enfureceram-se. Aquilo era uma heresia, um despropósito, um descalabro! E já que a moça não obedecia por bem, que usassem a força! Decidiram levar Sabrina amarrada até uma ponte com outras duas mulheres que estavam sendo acusadas dos mesmos infernais delitos.

Da ponte via-se abaixo a correnteza caudalosa disposta a levar para a morte quem caísse na água barrenta.

Uma corda no pescoço de cada uma “das hereges” era a consequência de uma vida sem Deus, asseverou o padre que leu o libelo acusatório.

Depois deu-se oportunidade para arrependem-se e confessarem seus pecados. De voltarem ao bom rebanho das almas “com Deus”.

As beatas enciumadas, fervorosas, aturdiam:

- Confessem logo que são almas do diabo!!! Morram na correnteza! Deixem-nos em boa paz! O coisa-ruim as espera nas profundas do além!

Sabrina manteve-se serena. Disse que não fizera nenhum pacto com força oculta alguma e as outras duas mulheres também disseram a mesma coisa. Nada as demovia de suas posições.

Mas a ameaça de enforcamento estava equivocada. Consultando os manuais religiosos, o padre anunciou que bruxas deveriam morrer queimadas! Então declarou:

- Elas não merecem morrer enforcadas nem tampouco afogadas. Que sejam queimadas, já que eram “bruxas” e “mentirosas”.

O cortejo obediente saiu da ponte e chegou à praça onde a sentença se daria. Perguntou-se ainda uma vez mais se elas não desejavam as luzes de uma vida beata. Elas mantiveram suas posições. Não temiam a morte. Pronto! Sem mais nenhuma benevolência da boa sociedade a sentença se deu. Em poucos minutos subia ao ar uma fumaça preta com cheiro de carne humana queimada.

Morreram por terem um sorriso no rosto e isso é falta grave em terra de infelizes. No domingo seguinte, o padre, amoroso, gentil e glutão, de pele lustrosa e cabelo ensebado fez uma cerimônia bonita. Ainda pediu pelas almas das desgarradas já mortas. De tarde cuidaria de suas menininhas...

As beatas comentavam como fora bonita a celebração... Diziam uma a outra e entre todas:

- Decerto aquele santo homem, quando Deus o quisesse levar, seria canonizado. Um santo!

Na saída, nem viram a imagem de Jesus na parede lateral e os dizeres que se liam abaixo dela:

“Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão”. Mateus 7:3, 5.

... *uma certa boataria, por infundada que seja, sempre muda a rotina, entretém e é bem-vinda na alma soberba*



REVISTA JUNO